

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Paulo Henrique da Silva luz

Relações étnico-raciais presentes na história do futebol brasileiro

Belo Horizonte

2012

Paulo Henrique da Silva Luz

Relações étnico-raciais presentes na história do futebol brasileiro.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Ms. Maria José Batista Pinto

Belo Horizonte

2012

Paulo Henrique da Silva Luz

Relações étnico-raciais presentes na história do futebol brasileiro.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-raciais, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Ms. Maria José Batista Pinto

Aprovado em 26 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Maria José Batista Pinto – orientadora - Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este projeto é fruto da tentativa de incluir a educação das relações étnico-raciais, regulamentada pela lei nº 10.639, nas aulas de educação física de uma turma do 2º ano do 3º ciclo de uma escola municipal de Belo Horizonte. A história do futebol foi o conteúdo escolhido para tratar a temática racial por ser este um esporte marcado pela presença do negro como protagonista de conquistas esportivas e também em situações de discriminação e luta contra o racismo. Assim pretendeu-se formar uma percepção positiva da identidade negra ao destacar os feitos alcançados por esses atletas no futebol brasileiro, tanto do ponto de vista do alto rendimento esportivo quanto nos gestos e marcas históricas que afirmavam a luta pela igualdade racial no esporte. Para tanto, tem como referências teóricas Abrahão, Rodrigues Filho Custódio e Gonçalves enquanto pesquisadores das questões raciais no futebol; Gomes e Munanga no esclarecimento sobre educação e relações étnico-raciais. Os procedimentos adotados no plano de ação envolveram aulas teóricas sobre as relações étnico-raciais na história do futebol brasileiro com o apoio de vídeos e fotos, além da organização de um campeonato de futebol em homenagem a luta pela igualdade racial. Os resultados mostram que os alunos desenvolveram uma percepção positiva do negro e adotaram posturas de combate ao racismo.

Palavras-chave: Futebol, relações étnico-raciais, racismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. CONTEXTOS E SUJEITOS DA ESCOLA	10
2.1 Histórico da escola	10
2.2 Caracterização da escola em 2011	12
2.3 O Corpo docente.....	13
2.4 A população de alunos.....	14
2.5 O bairro e a comunidade escolar	15
2.6 Caracterização dos alunos de uma turma do 2ºano do 3ºciclo e suas percepções sobre raça, racismo e as relações étnico raciais presentes no esporte.....	17
3. JUSTIFICATIVA	20
4. OBJETIVOS.....	22
4.1 Objetivos gerais.....	22
4.2 Objetivos específicos.....	22
5. REFERENCIAIS TEÓRICOS QUE PERPASSARAM A AÇÃO PEDAGÓGICA... 23	
5.1 Educação e relações étnico-raciais	23
5.2 A origem do futebol e a ideologia da supremacia branca	25
5.3 O futebol no Brasil.....	27
6. METODOLOGIA	30
7. DESENVOLVIMENTO E CRONOGRAMA	32
7.1- Cronograma	34
8. AVALIAÇÃO.....	36
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
10. REFERÊNCIAS.....	38
11. APÊNDICES.....	41

1. INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho surgiu no âmbito do curso de especialização como uma demanda formal e posteriormente foi ganhando sentido a medida em que fui analisando a minha prática como professor de Educação física. Fui instigado a pensar sobre como no âmbito da educação física eu poderia promover praticas educativas considerando as questões étnico raciais.

Nesse sentido pesquisei sobre a temática racial nos conteúdos da cultura corporal (esportes, lutas, danças, jogos e ginásticas) e construí um plano de ação referenciando-me às questões étnico raciais presentes na história do futebol de campo. Busquei também revisar as práticas existentes na escola.

Assim o trabalho consistiu em um estudo desenvolvido sobre as questões étnico-raciais na historia do futebol brasileiro no espaço das aulas de educação física, de uma escola municipal de Belo Horizonte, para turmas do 2º ano do 3º ciclo ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2011.

Embora a lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 tenha regulamentado o ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nos estabelecimentos de ensino, percebo que na Educação física escolar o trabalho com as relações étnico-raciais ainda não foi efetivamente incorporado durante o ensino dos conteúdos da cultura corporal (esportes, lutas, danças, jogos e ginásticas).

Apesar da temática racial não ser tão presente na pratica docente de professores de educação física percebe-se que entre os pesquisadores da área existem publicações referentes às relações étnico raciais e os conteúdos da cultura corporal. Dentre esses conteúdos podemos destacar o futebol de campo que possui diversas publicações sobre a temática racial, algumas até anteriores a lei 10.639, como os trabalhos de Silva (1998 e 2000) que relatam a pratica da linguagem racista e discriminação no futebol brasileiro e publicações recentes como as de Abrahão (2009 e 2011) onde o autor analisou os significados dos estereótipos sobre a “raça negra” através do futebol.

Sabendo desta diversidade de trabalhos que abordam o negro no futebol, e sendo o mesmo o conteúdo esportivo mais presente na educação física escolar, segundo Souza Júnior e Darido (2010), decidi abordar essa temática como projeto de aula.

Sabendo que a Educação Física deve propiciar ao aluno o exercício da cidadania, possibilitando a conquista da autonomia, por meio da reflexão crítica sobre os conhecimentos da cultura corporal de movimento, abordamos a temática

racial através de aulas teóricas e filmes sobre a história do futebol brasileiro, demonstrando que o mesmo foi marcado pela discriminação e preconceito contra os negros e mulatos, perpassando gerações desde a proibição de se escalar jogadores negros para jogos oficiais, no início do século XX, até os dias de hoje com os xingamentos racistas por parte de atletas e torcedores.

Além de denunciar o racismo no esporte, o presente trabalho buscou valorizar a participação dos atletas negros na história do futebol brasileiro destacando a importância que eles tiveram para tornar o Brasil um país reconhecido mundialmente pelas conquistas neste esporte.

A culminância do projeto foi a organização de um torneio esportivo em homenagem aos atletas negros que se destacaram na história do futebol brasileiro e na luta contra o racismo.

Assim, buscamos aqui apresentar esse trabalho em três partes: contextualização do público e escola, escrita do projeto e descrição da prática.

2. CONTEXTOS E SUJEITOS DA ESCOLA

Nessa parte pretendemos apresentar o contexto no qual a ação pedagógica foi desenvolvida, para tanto, recorreremos ao histórico da escola e buscamos situar suas características no ano de 2011, assim, como do público com o qual desenvolvemos a ação pedagógica: uma turma do do 2ºano do 3ºciclo .

2.1 Histórico da escola

A escola esta situada na rua flor Chuva de Prata, numero 40, no bairro Independência que faz parte da região administrativa do Barreiro, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. O Bairro fica no fim da Regional barreiro, e faz divisa com Ibirité e Nova Lima.

O nome da escola é uma homenagem a Francisco Maria Bueno de Sequeira. Ele foi escritor, jornalista, capelão militar, vigário e participou da Academia Mineira de Letras.

A escola, inaugurada em 8 de fevereiro de 1981, foi a primeira escola municipal a ser implantada no bairro. Atualmente o bairro possui mais duas escolas públicas, sendo uma municipal e a outra estadual.

No projeto político pedagógico da escola consta que ela iniciou suas atividades atendendo 368 alunos, com 8 professores, sem auxiliares de serviços. Os pais, diretores, professores e alunos realizavam os serviços gerais da escola. A escola possuía apenas um prédio com poucas salas.

A escola sempre foi um espaço muito frequentado pela comunidade que utilizava suas salas para reuniões de associação comunitaria, eventos religiosos e cursos.

Em 1988 aconteceu a primeira eleição direta para diretor, e em 1989 foi implantado o colegiado da escola e um ano depois foi construído o primeiro projeto político pedagógico da escola.

Em 1994, com o apoio da Secretaria Municipal de Ensino de Belo Horizonte,

foi implantado na escola o programa Escola Plural, desde então a escola passou a organizar por ciclos de formação visando concretizar o direito do aluno ao acesso e permanência na escola, possibilitando que ele aprenda os conhecimentos socialmente construídos.

O projeto pedagógico da escola passa a seguir as seguintes intenções educativas apresentadas nos cadernos da Escola Plural¹: construção da autonomia do estudante e de conhecimentos que favoreçam a participação na vida social, interação ativa e crítica com o meio físico e social e o tratamento da informação e a expressão por meio de múltiplas linguagens e tecnologias.

Através da mobilização da comunidade no orçamento participativo, em 1994, foi construído um novo prédio para escola, que foi ligado por uma passarela. Desde então a escola implantou o 3º ciclo, que atendia os alunos de 12 a 15 anos.

A partir de 2003 a escola incorporou diversos projetos como: escola aberta, escola integrada e projeto segundo tempo. Estes oferecem aos alunos atividades no contra turno ou nos finais de semana.

O programa Escola Aberta visa proporcionar aos alunos da educação básica das escolas públicas e às suas comunidades espaços alternativos nos finais de semana para o desenvolvimento de atividades de cultura, esporte, lazer, geração de renda, formação para a cidadania e ações complementares às de educação formal.

O programa Segundo Tempo é oferecido em parceria com o Ministério do esporte e tem por objetivo democratizar a prática e a cultura do esporte. Geralmente ocorre no contra turno da escola.

O programa Escola Integrada é uma iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte, esse projeto atende alunos do ensino fundamental com a participação de diferentes setores governamentais, instituições de ensino superior e ONGs. O objetivo é oferecer educação integral por meio da ampliação dos horários de atividades educativas e utilização de espaços físicos externos à escola.

A gestão da escola tem se desenvolvido de modo coletivo com a participação de diretores professores e comunidade através de colegiados, assembleias e

¹ Proposta político-pedagógica apresentada, em fins de 1994, pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

reuniões.

Em 2003 foi elaborado o ultimo projeto politico pedagogico da escola. Este documento se destaca pela descrição dos conteudos curriculares de cada disciplina e a organizacao de dois projetos: feira de cultura e dia da consciencia negra. Apesar de estar presente no projeto politico pedagogico da escola esses projetos não são realizados desde 2007.

2.2 Caracterização da escola em 2011

Atualmente a escola funciona em três turnos, manhã tarde e noite, e oferece formação para o 2º ciclo no primeiro turno, 1º e 3º ciclo para o segundo turno e a modalidade de ensino de jovens e adultos –EJA no terceiro turno.

O 1º ciclo abrange os três primeiros anos de ensino (6 a 9 anos), o 2º ciclo vai do quarto ao sexto ano (9 a 12 anos) e o 3º ciclo contempla do sétimo ao nono ano de ensino (12 a 15 anos). O EJA é oferecido para os alunos que estão fora da faixa etária dos ciclos de formação que corresponde a alunos acima de 15 anos idade.

A escola possui 1517 alunos, sendo 583 alunos do turno da manha, 604 no turno da tarde e 330 do turno da noite.

Durante os turnos da manhã e tarde funcionam projetos da escola integrada e programa segundo tempo que oferecem atividades variadas para os alunos no contra turno.

A escola ocupa dois quarteirões, possui 26 salas de aula, biblioteca, sala de informática, duas quadras esportivas e refeitório.

As salas de aula são amplas, possuem ventiladores, carteiras de boa qualidade e algumas são equipadas com televisões. A Biblioteca possui um cervo de aproximadamente 10.000 exemplares de livros e revistas, alem disto possui dois computadores para a consulta dos alunos. A sala de informática possui 17 computadores e conta com a ajuda de um monitor para orientar os estudantes. A escola conta com uma boa materialidade para as aulas de educação física, com quadras cobertas e diversidade de materiais esportivos.

A escola possui recursos de vídeo como: televisão, DVD, vídeo e projetor. Estes aparelhos ficam no almoxarifado e são reservados para a utilização em sala de aula.

Percebe-se na escola a execução de vários projetos realizados pelo corpo docente devido aos recursos financeiros que a instituição recebe da prefeitura de Belo Horizonte para este fim. Os alunos participam de excursões, visitam museus, parques e vão ao cinema.

2.3 O Corpo docente

O corpo docente é constituído por professores habilitados, tendo as seguintes atribuições: planejar, executar, avaliar e registrar os objetivos e as atividades do processo educativo.

A escola conta com 70 professores, sendo 61 do sexo feminino e 9 do sexo masculino, 68 professores tem curso superior completo, alguns tem formação em mais de uma modalidade acadêmica. Apenas dois declararam ter o curso normal

Cabe aos professores seguir o regimento escolar, executar o projeto político pedagógico da escola, participar dos momentos de formação que propiciem o aprimoramento de seu desempenho profissional e cumprir as demais funções inerentes ao cargo.

O planejamento escolar é trimestral, neste período o professor executa suas aulas, propõem projetos e avalia seus alunos através de avaliações escritas, registros, observações e análise de trabalhos. Estes instrumentos de avaliação são utilizados durante todo o trimestre e ao final da etapa são convertidos em um conceito que ficará no boletim do aluno. Os estudantes com baixo rendimento recebem atividades extras e trabalhos de recuperação para melhorarem suas notas.

Cada sala possui um professor referência, que é o responsável pela turma, cabe a ele orientar os alunos e conduzir a reunião de pais que é realizada ao final de cada trimestre para a entrega dos boletins.

No final de cada ano os professores são responsáveis pela estruturação do ano seguinte, a formação das salas geralmente é feita de acordo com o

comportamento e rendimento escolar dos alunos, buscando formar turmas heterogêneas. Cada turma do 3º ciclo tem uma média de 30 alunos, já o 1º e 2º ciclos possuem uma média de 25 alunos por turma.

2.4 A população de alunos

Em 2003, a escola fez um levantamento de dados sobre a população de alunos atendidos, sendo que naquele ano os alunos possuíam as seguintes características:

52,5% dos alunos eram do sexo feminino e 47,5% do sexo masculino, 48,6% se consideravam católicos, 40,3 % evangélicos e 1,1% eram outras religiões.

42,3 % tinham o esporte como maior fonte de lazer. Apenas 5,5 tinham a leitura como fonte de lazer. Em relação aos programas de televisão constatou-se que 37,7 % dos alunos assistiam novelas, 34,2 desenho, 26,8% filme e 19,2 % programas variados.

Em relação a organização familiar os dados mostram que 66,7% moravam com os pais, 18,7% com a mãe, 4,9% com o pai e 0,06 com parentes.

A maioria dos alunos estava dentro da faixa etária proposta para o ensino fundamental. Apenas 1,8 % dos alunos se encontravam fora do limite da faixa etária (14 anos) do ensino fundamental.

Somente 1,5 % dos alunos trabalhavam fora de casa; 21,9% afirmaram que pai e mãe trabalhavam fora, 33,8% disseram que somente o pai trabalhava e 18,3 só a mãe trabalhava.

Segundo os dados somente 6,6% dos alunos ficavam na rua quando não estão na escola.

As famílias dos alunos tinham renda de 0 a 3 salários mínimos.

Ao analisar a escola no ano de 2011 é possível perceber que os dados de 2003 referentes à quantidade de alunos por sexo, predominância religiosa católica e protestante, preferência pelo esporte como opção de lazer e a adequação da maioria dos alunos na faixa etária proposta para o ensino fundamental continuam atuais.

Acredito que a renda e jornada de trabalho dos alunos e responsáveis pelos mesmos não devem ter sofrido muitas mudanças, mas seria necessário uma nova pesquisa para confirmar esta hipótese.

2.5 O bairro e a comunidade escolar

O bairro Independência, onde esta localizada a escola, se caracteriza por ser uma ocupação muito antiga, com mais de trinta anos e inclui em sua região as vilas independência I, II, III e IV.

A região carece de infraestrutura e algumas ruas são de terra com esgoto a céu aberto.

Segundo os dados retirados do cadastro BH Vida, citados no projeto político pedagógico da escola, pode-se afirmar que o abastecimento de água, feito pela COPASA, atinge 95,2% das residências enquanto a rede de esgoto oficial atende a 77,7% das famílias, sendo 14,1% ainda a céu aberto. A região possui coleta de lixo regular

No bairro existem inúmeros tipos de moradias, desde casas populares, sítios e até barracos construídos próximo de córregos. A maior parte das casas são pequenas e não possuem acabamentos.

De acordo com o relatório estatístico, apresentado pela escola em 2003, o bairro possui aproximadamente 2.585 famílias, num total de 10.150 pessoas, das quais 79,1% vivem em casa própria, 8% em casa cedida e 13% moram de aluguel.

O Censo Demográfico 2000 mostrou que na região do barreiro, no qual o bairro independência esta inserido, possui 69.746 domicílios particulares permanentes, em que cerca de 90% são casas. Dos responsáveis por esses domicílios, 73% são homens e quase 27% têm entre 30 e 39 anos. A maior parte - 49,65% - tem um rendimento entre $\frac{1}{2}$ e 3 salários mínimos, o que enquadra essas famílias nas classes C e D.

Relatórios estatísticos apresentados pela escola confirmam que 69,2% da população do bairro apresenta renda familiar de 0 a 3 salários mínimos.

A região do bairro Independência possui duas escolas municipais (Escola Municipal Jonas Barcelos Corrêa e Escola Municipal Cônego Sequeira) e uma escola estadual (Escola Estadual Domingas Maria de Almeida)

A comunidade do bairro independência é formada por famílias que possuem baixa escolaridade. A maior parte dos adultos não completou o ensino médio ou ainda está cursando a escola através de projetos que oferecem ensino para jovens e adultos. De acordo com dados estatísticos apresentados em 2003, no projeto político pedagógico da escola, 4,8 % das pessoas da região são analfabetas; 1,9 possuem alfabetização informal e 59 % tem o primeiro grau incompleto.

A comunidade participa bastante dos projetos de lazer e cultura oferecidos pela escola, como Escola Integrada², Projeto Segundo Tempo³ e Escola Aberta⁴, mas participam pouco das reuniões do colegiado, assemblêias e reuniões referentes à vida escolar dos alunos.

Com relação à organização da comunidade consta-se a existência das seguintes associações: Associação comunitária do Bairro Independência 3º e 4º seção, Associação Comunitária São Francisco de Assis, Associação feminina do Bairro Independência e Adjacências, Associação Comunitária Amigos do Bairro Independência, Associação Comunitária Bairro Independência e Associação Comunitária do Bairro Independência, Mineirão, Cruz de Malta, Petrópolis e Adjacências.

Pode-se dizer que as religiões predominantes no bairro são a católica e a protestante, pois 48,6% dos alunos se declararam católicos e 40,3 % evangélicos em pesquisa realizada pela escola na elaboração do projeto político pedagógico de

² O programa Escola Integrada é uma iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte, esse projeto atende alunos do ensino fundamental com a participação de diferentes setores governamentais, instituições de ensino superior e ONGs. O objetivo é oferecer educação integral por meio da ampliação dos horários de atividades educativas e utilização de espaços físicos externos à escola.

³ O programa Segundo Tempo é oferecido em parceria com o Ministério do esporte e tem por objetivo democratizar a prática e a cultura do esporte. Geralmente ocorre no contra turno da escola.

⁴ O programa Escola Aberta visa proporcionar aos alunos da educação básica das escolas públicas e às suas comunidades espaços alternativos nos finais de semana para o desenvolvimento de atividades de cultura, esporte, lazer, geração de renda, formação para a cidadania e ações complementares às de educação formal.

2003.

Apesar de não possuir dados estatísticos, acredito, através de observação, que a maior parte da população do bairro Independência é composta por indivíduos negros e pardos.

2.6 Caracterização dos alunos de uma turma do 2º ano do 3º ciclo e suas percepções sobre raça, racismo e as relações étnico raciais presentes no esporte

A primeira parte do Plano de Ação consistiu em aplicar um questionário para conhecer melhor o público alvo do projeto e diagnosticar as opiniões destes alunos a respeito da classificação racial e questões étnico-raciais presentes no cotidiano e nas práticas esportivas, dando ênfase ao futebol.

A turma é composta de 31 alunos, sendo que 27 participaram respondendo os questionários.

Entre os alunos que responderam ao questionário, 13 são do sexo masculino e 14 do sexo feminino, a maior parte deles, 24 alunos, moram próximo à escola, a idade dos alunos varia de 12 a 15 anos, sendo que a maior parte deles (20 alunos) possui 13 ou 14 anos.

Em relação às aulas de educação física constatou-se que a maior parte dos alunos gostam desta disciplina escolar e dentre os seus conteúdos o de maior aceitação é o futebol.

O esporte foi citado 18 vezes no questionário como atividade que os estudantes mais gostam de praticar, e 25 alunos afirmaram que praticam o futebol de forma regular. Os dois alunos que declararam não participar de jogos de futebol são do sexo feminino.

Com relação ao acompanhamento de partidas de futebol pela televisão 20 alunos declararam que assistem a campeonatos de futebol, sendo que alguns acompanham até torneios estrangeiros. É interessante ressaltar que os 7 alunos que não acompanham o futebol pela televisão são do sexo feminino.

Em relação à classificação étnico-racial, foi pedido que os alunos se

classificassem após uma breve explicação sobre os termos pardo, amarelo e indígena que os alunos não conheciam ou estavam em dúvida.

Apesar de o questionário ser anônimo percebi que muitos alunos se sentiam desconfortáveis para decidir sobre a sua classificação racial, muitos me chamavam na mesa para pedir novas explicações, pois estavam em dúvida entre o termo pardo e preto, tentei não influenciar a resposta e expliquei que a definição cabia apenas a eles. Neste mesmo momento tive que conter alguns alunos da turma que começavam a zombar da classificação racial dos colegas que não se definiram como pretos.

Segundo Brasil (2003), essa não aceitação da identidade negra e a ridicularização dos indivíduos com características negras se deu pelo processo de construção da identidade negra em nosso país, que foi marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes africanos.

Após fazer o levantamento dos dados obtive os seguintes resultados: 8 alunos se declararam brancos, 12 pardos, 3 pretos e 4 indígenas.

De acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em que pretos e pardos são considerados negros pode-se afirmar que dos 27 alunos que responderam o questionário 15 são negros.

É interessante ressaltar que quatro alunos se declararam indígenas, número superior aos dos pretos. Lembro que alguns alunos me procuraram porque tiveram dúvida na hora de se declarar, pois tinham descendência indígena e negra. O mesmo aconteceu com alunos que declararam brancos, mas tinham descendência negra na família.

Tal experiência nos revela que o processo de classificação racial é complexo, tanto que segundo Brasil (2003) no Brasil é possível que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai e a mãe ser negro (a), se designam negros; que outros, com traços físicos africanos, se designam brancos.

Acredito que a escolha que alguns alunos tiveram pela classificação como branca ou indígena se deve a forma pejorativa que o negro é visto pela sociedade.

Para iniciar as discussões sobre as relações étnico-raciais no cotidiano

formulei uma questão que perguntava ao aluno se ele já tinha sido vítima de racismo. Apenas 4 alunos afirmaram que já foram vitima de racismo, dois deles descreveram que foram chamados de macaco e preto.

Abrahão (2009) analisou os estereótipos sobre a “*raça negra*” através do futebol e concluiu que muitas vezes eles são simbolizados através das imagens de “*macacos*” ou inscritos no “*mundo natural/animal*”.

Nos últimos anos a mídia tem divulgado vários casos de racismo no futebol, como cita Silva (1998), em seu trabalho de pesquisa sobre o tema, mesmo assim ao se fazer a pergunta sobre a pratica do racismo no futebol, 19 alunos declaravam que não existe racismo no esporte enquanto 7 afirmam que o racismo esta presente no jogo.

Acredito que os alunos que negaram a existência do racismo no futebol tenham feito isto por falta de conhecimento dos fatos na mídia ou por acreditarem que no Brasil vivemos em uma democracia racial⁵. Alguns alunos escreveram o seguinte no questionário “somos todos iguais por isso todos podem jogar”, “temos jogadores de todas as cores”, “não importa a cor, todos jogam”.

Os alunos que afirmaram a presença do racismo no futebol relataram que no mesmo a discriminação ocorre através de xingamentos e apelidos que desqualificam a raça negra.

Na minha prática docente tenho percebido a ocorrência de práticas racista entre os alunos, que constantemente utilizam de apelidos racistas para agredir verbalmente e desmoralizar uns aos outros durante as praticas esportivas. As ocorrências aumentam quando os alunos participam de atividades competitivas.

Os alunos carecem de um trabalho de conscientização, pois muitos deles, agressores ou vítimas, não percebem estas ações como práticas racistas.

⁵ Termo que denota a crença que o Brasil é um local sem preconceito e discriminação racial, onde as relações raciais são mais pacíficas.

3. JUSTIFICATIVA

Esse trabalho se justifica pelo atendimento formal a uma demanda do curso de pós-graduação em Educação e relações Étnico-raciais, oferecido pelo LASEB (curso de Pós Graduação Lato Senso em Docência na Educação Básica) na Universidade Federal de Minas Gerais no qual estou inserido em processo de formação continuada desde o início do ano de 2011.

Além dessa justificativa, ressaltamos também a necessidade de implementar as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais conforme a lei pela Lei 10.639/2000, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica.

Estas diretrizes apontam para a necessidade de trabalhos que orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a de educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem conduzir.

E por fim, podemos ressaltar a relevância desse trabalho frente os dados levantados juntos aos alunos que nos revelam a falta de consciência dos problemas raciais no Brasil.

Neste sentido, utilizaremos a história do futebol brasileiro para denunciar o racismo presente no mesmo e destacar a postura dos homens e mulheres negros que superaram as barreiras do preconceito esportivo, se destacaram como atletas, e demonstraram orgulhosos de sua origem étnico-racial.

Decidimos trabalhar a temática racial através do futebol, pois além de ser considerado o esporte mais popular do mundo segundo o boletim da *Fédération Internationale de Football Association* o mesmo possui grande participação de jogadores negros ao longo de sua historia e várias publicações que destacam as relações étnico-raciais presentes no mesmo desde sua origem.

Segundo Abrahão (2009) o futebol brasileiro é um espaço propício para investigar o racismo na medida em que aciona formas específicas de identificação da “raça negra”. Afinal, se o esporte é um momento que celebra o ideário democrático da igualdade através da isonomia das regras entre os participantes que

estão opostos em função do conflito, as manifestações de preconceito nesse espaço “igualitário” ilustram as idiossincrasias sobre a “raça negra” na sociedade brasileira.

Os negros muitas vezes são simbolizados através das imagens dos “macacos” ou de “comedores de bananas”, isto é, inscritas no “mundo natural/animal” (Abrahão, 2009). Estes estereótipos também são reproduzidos durante as praticas esportivas desde o alto nível (esporte profissional), no lazer e ate nas aulas de educação física.

Na minha prática como professor de educação física percebo que o futebol é o esporte mais praticado pelos alunos nos momentos de lazer dentro e fora da escola, tanto que no questionário aplicado aos alunos 92,5% responderam que praticam futebol regularmente.

Acredito que a popularidade do esporte entre os alunos e a diversidade de materiais (vídeos, revistas, fotos, publicações científicas) que tratam da temática racial no futebol justificam a escolha deste conteúdo para o desenvolvimento do projeto.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivos gerais

Demonstrar a contribuição das diferentes etnias na construção do futebol moderno, destacando os feitos alcançados pelos negros e a luta contra o racismo, fortalecendo a uma percepção positiva da identidade negra no ambiente escolar.

4.2 Objetivos específicos

- Conhecer a história do futebol no Brasil, as relações étnico-raciais presentes no mesmo e a trajetória de atletas negros que se destacaram no combate ao racismo.

- Compreender as marcas e gestos históricos de jogadores, negros ou não, que defendiam a igualdade racial para explicitar a importância da luta contra o racismo.

-Saber identificar situações de preconceito racial existente no espaço escolar.

- Participar de partidas de futebol respeitando as diferenças étnico-raciais.

5. REFERENCIAIS TEÓRICOS QUE PERPASSARAM A AÇÃO PEDAGÓGICA

Ao desenvolver o trabalho concomitante aos estudos oferecidos pelo curso de especialização fui buscando por uma maior compreensão do que consistia a educação e sua relação com as questões étnico raciais, assim como as implicações dessa relação no âmbito da educação física.

Dessa forma, pude sistematizar a ação pedagógica tendo como referências esses conceitos e suas constituições históricas, buscando também entender o futebol nesse contexto: como conteúdo da Educação Física e como um dos esportes mais expressivos em nossa cultura.

5.1 Educação e relações étnico-raciais

Segundo Paixão (2006), no Brasil vigora o mito que vivemos em uma democracia racial, ou seja, uma sociedade livre do preconceito racial e do racismo em relação aos negros. Telles (2003) afirma que essa ideia ganhou força a partir de 1930 após a publicação do livro Casa grande e Senzala, de Gilberto Freire, onde se popularizou que o Brasil possuía uma fusão serena dos povos e culturas europeias, indígenas e africanas.

Essa ideia tem sido combatida através de inúmeras publicações que demonstram a existência de desigualdades sociais relacionadas a pessoas da raça negra quando comparadas as brancas.

Munanga e Gomes (2004) relatam que o Observatório Afro-Brasileiro constatou em sua pesquisa que os brancos detêm 74% da renda brasileira, os dados ainda apontam que entre os 10% mais pobres da população, 60,9 % são negros e 39,1% brancos.

Nos indicadores de escolaridade as desigualdades raciais também estão presentes, Paixão (2006) cita os indicadores do censo 2000 para mostrar que a média de anos de estudo dos brancos com 25 anos ou mais era de 6,76 anos, ao passo que a média desse mesmo indicador entre os negros era de 4,66 anos.

São os negros os que formam a maioria daquela população hoje privada do

acesso aos serviços públicos e aos empregos de melhor qualidade, os que sofrem com mais intensidade o drama da pobreza e da indignidade, e a violência urbana, doméstica e policial (PAIXAO, 2006).

O abismo racial brasileiro existe, de fato, e são as pesquisas e estatísticas que comparam as condições de vida, emprego, escolaridade entre negros e brancos que comprovam a existência de grande desigualdade racial em nosso país. Essa desigualdade é fruto de uma estrutura racista, somada a exclusão social e à desigualdade socioeconômica, que atinge toda a população brasileira e, de modo particular, os negros (MUNANGA & GOMES, 2004).

Ainda questionando a democracia racial é importante lembrar que no Brasil vigora uma modalidade de preconceito entendido como de marca, o termo foi descrito por Oracy Nogueira para designar uma forma de discriminação relacionada à intensidade dos fenótipos de cada pessoa, sendo que quando mais próximas as características da pessoa com o tipo negroide maior será a probabilidade de sofrer discriminação (NOGUEIRA, 1985).

O Reconhecimento dessas desigualdades sociais e da presença do racismo em nosso país motivou a criação da lei 10.639/2003, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

A escola assume então um papel importante na construção de uma imagem positiva da identidade negra ao propor em seus conteúdos disciplinares a valorização do universo dos afrodescendentes.

As diretrizes curriculares para educação das relações étnico-raciais destacam que a instituição escolar tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.

Silva (2007) cita que a educação das relações étnico-raciais deve ser conduzida tendo-se como referências os seguintes princípios (BRASIL, 2004b, p. 17): “consciência política e histórica da diversidade; fortalecimento de identidades e de direitos; ações de combate ao racismo e a discriminações”.

A escola assume então um papel importante na construção de uma imagem positiva da identidade negra e cabe a todos os conteúdos disciplinares a valorização do universo dos afrodescendentes através de projetos interdisciplinares ou mesmo durante os conteúdos específicos de cada disciplina.

A Educação física escolar tem uma função importante nas discussões referentes a temática racial, pois traz o assunto através dos noticiários dos esportes, danças, lutas entre outros temas de interesse do aluno, além de contribuir para uma postura anti preconceituosa durante o ensino de manifestações corporais de variados grupos étnicos.

5.2 A origem do futebol e a ideologia da supremacia branca

O futebol moderno tem sua origem no século XIX, na Inglaterra, no momento histórico em que as elites inventaram o “esporte moderno” a partir dos jogos tradicionais.

O presente século é marcado pelo auge dos ideais racionalistas e progressistas, com isso diversas instâncias da vida cotidiana dos britânicos viriam a ganhar normas, inclusive os jogos esportivos (ELIAS & DUNNING, 1992).

O esporte moderno surge com regras universais e isto possibilita que o mesmo jogo possa ser praticado da mesma forma em diversos locais, esta é a principal diferença dos jogos tradicionais que se caracterizam pela flexibilidade nas regras.

Segundo Elias & Dunning (1992), a ruptura entre esporte moderno e jogos tradicionais se dá por uma progressiva autonomização do campo esportivo em relação aos outros campos sociais (campo religioso, ritual, etc.). Tal ruptura se expressa na constituição de tempos e espaços específicos próprios às práticas esportivas (campos, estádios, ginásios, velódromos, etc.), em oposição aos jogos tradicionais instalados nos espaços ordinários das atividades cotidianas, subtraídos temporariamente de suas ocupações corriqueiras.

Na Inglaterra, a associação de futebol, que deu origem a FIFA, criou as regras do futebol em 1863. O esporte conquistou adeptos entre as classes trabalhadoras

inglesas, que foram decisivas na sua popularização no circuito britânico (ELIAS & DUNNING, 1992).

A criação do futebol ocorreu num momento histórico em que se difundia a ideologia da supremacia branca. Segundo Telles (2003), no século XIX a ciência foi utilizada para validar a dominação racial, ao propor que os caucasoides eram superiores a pessoas não brancas, em especial aos africanos. Antes das teorias racistas, a raça servia apenas para descrever a origem do indivíduo, não uma hierarquia de tipos biológicos.

È importante compreender que esta teoria é elaborada enquanto a escravidão estava em vias de ser abolida em vários países e a elite dominante necessitava do apoio da ciência para justificar a superioridade da raça branca sobre os negros que se tornariam “livres” e iguais a eles perante a lei.

O racismo, portanto, origina-se da elaboração e da expansão de uma visão equivocada da biologia humana que justificava a desigualdade entre os seres humanos não pela força ou pelo poder dos conquistadores, mas pela desigualdade imanente entre as raças humanas (a inferioridade intelectual, moral, cultural e psíquica dos conquistados ou escravizados) (GUIMARÃES, 1999).

O esporte sofreu a influência destas teorias racistas e se caracterizou pela elitização e discriminação das pessoas que não fossem brancas, proibindo estas de participarem dos jogos.

O público que acompanhava os jogos de futebol também deveria acompanhar a elegância, sofisticação e modernidade do jogo, que se tornou um esporte exclusivo da elite branca e abastada. Assistir a jogos no estádio era um evento social. Os negros e brancos pobres estavam nitidamente alijados da prática oficial do esporte e mesmo da torcida (TONINI, 2009).

O racismo científico só vai perder força a partir de 1920 quando surge a teoria de Francis Boas, na qual as características de uma raça dependem de condicionamentos históricos e não biológicos (TELLES, 2003).

Neste período o futebol já se tornara difundido em diversos países onde a supremacia branca e elitização do esporte já haviam sido questionadas há mais tempo.

5.3 O futebol no Brasil

Segundo Risério (2003), o futebol chegou ao Brasil em 1894 através de Charles Millher, um brasileiro de origem inglesa que voltava de seus estudos na Inglaterra.

Em um primeiro momento, quando da implantação de tal modalidade esportiva no Brasil, o mesmo era caracterizado pela elitização e discriminação evidente a negros e a brancos pobres. Desde que aportou em terras brasileiras até 1923, o futebol deveria ser praticado apenas pelos elementos "sãos", "puros", cordiais, ricos e de origem letrada (TONINI, 2009).

O início da prática futebolística no Brasil se dá poucos anos após a abolição da escravidão e a proclamação da república, período em que predominava no país as discussões sobre raça, já que havia uma preocupação crescente com o efeito da raça no desenvolvimento da nação (TELLES, 2003).

A elite brasileira da época era formada por intelectuais que acreditavam que os negros e índios eram raças inferiores e, portanto prejudicariam o progresso do país.

Silvio Romero foi um destes intelectuais que acreditava na supremacia da raça branca e pensava que a solução para o problema do Brasil seria a miscigenação de seu povo, formado por negros e mestiços, com indivíduos da raça branca, já que acreditava que o elemento branco predominaria e aos poucos os traços negros seriam extintos. (DIMAS, 2009)

Inicialmente exclusivo das elites, o futebol rapidamente rompeu os círculos aristocráticos para ganhar as ruas e tornar-se entretenimento popular de largo alcance. Nesse processo de democratização de uma prática desportiva, um dos aspectos mais tensos foi a inserção do negro nos grandes clubes e/ou principais campeonatos de futebol (DAOLIO, 2003).

O processo de inclusão dos não brancos nas ligas de futebol teve seu início com os mestiços que procuravam esconder as características da raça negra para se misturarem aos brancos sem serem notados.

Segundo Rodrigues Filho (1964), Arthur Friedenreich filho de um alemão com

uma mulata brasileira foi o primeiro ídolo mulato do futebol brasileiro. Rodrigues Filho acreditava que a popularidade deste jogador não era originária de suas atuações brilhantes e de seus gols, e sim pelo fato dele ser mulato, embora não quisesse sê-lo.

Para Risério (2003), o mulato Friedenreich era obrigado a recusar sua condição mestiça para ser aceito no futebol. O jogador chegava atrasado aos jogos e se enfiava no vestiário, tentando alisar e prender seus cabelos crespos com brilhantina, para não ser visto pela multidão como o mulato que era.

Custodio & Gonçalves (2006) cita que vários jogadores negros e mulatos utilizavam de maquiagem, com pó de arroz, para disfarçar a pele negra. Além disto, também utilizavam de toucas para camuflar os cabelos crespos.

A não aceitação da condição de mestiço devia ser uma questão comum entre os brasileiros que viviam durante o período em que o governo incentivava o branqueamento da população através de políticas que incentivavam a vinda de imigrantes europeus para purificar a “raça brasileira”.

Nesse período, no início do século XX ainda vigorava as teorias racistas e não havia movimentos de afirmação da raça negra, o que fazia com que negros e mulatos buscassem estratégias para se assemelhar com os indivíduos da raça branca para serem aceitos na sociedade.

A segregação dos negros fez com que os mesmos praticassem o futebol entre si, segundo Custodio & Gonçalves (2006) os negros sulistas criaram, entre 1915 e 1930, uma liga composta exclusivamente por descendentes de negros africanos, intitulada Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense. Esta liga foi popularmente conhecida como a Liga da Canela Preta.

O processo de conquista do negro no futebol brasileiro começou com os times do Bangu e Ipiranga (na Bahia). Estes foram os primeiros clubes que escalaram jogadores negros e mestiços para participarem de competições estaduais. Mas um fato marcante que revolucionou a prática futebolística pelos negros aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1923, quando o Vasco da Gama ganhou o campeonato carioca com uma equipe repleta de brancos pobres, mulatos e negros (CUSTÓDIO & GONÇALVES, 2006).

A criação de liga de futebol para negros no sul do país e a conquista de jogadores negros na principal competição brasileira da época aconteceu num momento em que as teorias racistas começavam a ser questionadas no meio científico.

A partir deste momento os negros passaram a ter menos dificuldade para ingressar nas competições de futebol, apesar de haver ainda vários clubes que proibiam a presença destes jogadores em suas equipes.

A raça negra passa então a ter uma participação marcante na história do futebol brasileiro, pois em cada época pelo menos um atleta negro se tornou referência futebolística nacional.

Nas décadas de 30 e 40 tivemos a presença de Leônidas da Silva, jogador negro que se imortalizou pela invenção da “bicicleta” no futebol. Ele chegou a atuar na seleção brasileira e participou da copa do mundo de futebol de 1938 onde foi artilheiro (RODRIGUES FILHO, 1964).

No final da década de 50, o Brasil chegou a duas finais da copa do mundo de futebol, sendo vice-campeão em 1950 e campeão em 1958. Nesta conquista o Brasil contava com a participação de atletas negros e mulatos como Pelé, Garrincha, Didi e Djalma Santos. Pelé, atleta negro, participante da conquista de 1958 foi eleito o maior jogador de todos os tempos. Ser Pelé passou a ser o sonho de crianças e jovens do Brasil e de todo o planeta (CUSTODIO & GONÇALVES, 2006).

6. METODOLOGIA

O presente trabalho foi apresentado aos alunos através de aulas expositivas, organização de um projeto e prática do jogo de futebol.

Buscamos garantir uma metodologia de trabalho coletiva e participativa, organizando o trabalho a partir do conhecimento prévio sobre os alunos e desenvolvendo em fases complementares e articuladas.

Primeira fase: Diagnóstico

Primeiramente realizei um questionário que permitiu coletar dados sobre as preferências esportivas dos alunos, classificação racial, questões étnico-raciais presentes no futebol e o relato de atitudes racistas que já sofreram ou perceberam no esporte.

Nesta fase também esteve presente um momento de aula expositiva no qual tirei algumas dúvidas referentes à classificação racial, racismo e algumas questões referentes a história do futebol.

Segunda fase: estudos teóricos

Em seguida, desenvolvi um estudo teórico sobre a história das relações étnico-raciais no futebol brasileiro e depois orientei a organização de um torneio de futebol em homenagem aos atletas negros que fizeram história na luta contra o racismo. A execução deste projeto culminou na prática do futebol.

Na primeira etapa dos estudos teóricos utilizei um projetor de imagens para expor vídeos e fotos relacionados à temática, buscando assim fazer uma aula expositiva mais interativa e lúdica, já que os alunos tem muita resistência de ter aulas teóricas dos conteúdos da educação física. Procurei usar reportagens sobre programas de futebol e esportes que eles têm o costume de assistir, além de mostrar fotos e imagens de gols e conquistas da seleção brasileira desde o início do século XX.

Terceira fase: organização e realização de uma partida de futebol

Na segunda etapa do projeto foi elaborado com os alunos um torneio de futebol. Cada grupo de estudantes assumiu responsabilidades como: arbitragem, organização das equipes, fazer o convite a outras salas e divulgar o cronograma de jogos.

Acredito que a utilização de imagens sobre futebol nas aulas teóricas e a organização de um torneio esportivo possibilitou uma boa participação dos alunos neste trabalho, pois além de trabalhar com um tema de interesse dos educandos o projeto possibilitou o trabalho coletivo.

7. DESENVOLVIMENTO E CRONOGRAMA

O presente trabalho, que teve como objetivo discutir as relações étnico-raciais presentes na história do futebol, buscando valorizar os atletas negros e promover a discussão sobre racismo no esporte, ocorreu no mês de novembro de 2011 durante as aulas de educação física de uma turma do 2º ano do 3º ciclo de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte.

O plano de aula teve como objetivo conhecer a história do futebol no Brasil e as relações étnico-raciais presentes no mesmo destacando trajetória de atletas negros e o combate ao racismo.

Para alcançar esta meta decidi utilizar de um projetor de imagens para expor fotos e vídeos que ilustrassem a aula expositiva, além de promover a prática do futebol através de um torneio esportivo organizado com o apoio dos alunos.

É importante ressaltar que não foi fácil motivar os alunos a participarem de aulas teóricas nos horários de educação física, pois eles já estão acostumados com a prática de atividades lúdicas nestes momentos. Um ponto favorável que ajudou a superar esse desânimo inicial foi o interesse que os alunos tiveram pela história dos negros no futebol, contadas através de vídeos e fotos, e a promessa de que no fechamento do projeto teríamos um torneio de futebol.

Na primeira etapa do projeto, no início do mês de novembro, pedi que os alunos respondessem a um questionário visando conhecer melhor o público alvo do projeto e diagnosticar as opiniões destes alunos a respeito da classificação racial, questões étnico-raciais presentes no cotidiano e nas práticas esportivas, dando ênfase ao futebol.

Essa atividade foi feita em uma aula de 1 hora de duração, sendo que uma parte do tempo foi destinado para discutir as dúvidas que os alunos apresentaram e introduzir o conteúdo sobre o tema após o recolhimento das respostas.

Como já foi descrito na introdução deste projeto, no subtítulo que descrevi a caracterização dos alunos, foi possível constatar através da análise das respostas do questionário que a maior parte dos alunos pratica futebol e assistem aos jogos na televisão, mas poucos tinham consciência das práticas racistas que já marcaram a história do futebol brasileiro, tanto que a maioria da turma, 19 alunos, afirmou não

haver racismo no futebol.

Percebi analisando as respostas do questionário e observando os comentários dos alunos que entre aqueles que negavam a presença de práticas racistas na história do futebol predominava a ideia da existência da “democracia racial” em nosso país.

Na segunda aula com a turma iniciei uma discussão sobre classificação racial sugerida pelo IBGE, pois muitos alunos tiveram dúvida na hora de se classificar, e depois tratei de desconstruir com eles a ideia de democracia racial mostrando como funciona o racismo no Brasil e apresentando dados que mostram as desigualdades sociais entre brancos e negros.

Nesta mesma aula utilizei de um projetor de imagens para reproduzir fotos que remetem a origem do futebol na Inglaterra e sobre o início da prática deste esporte no Brasil.

Os alunos ficaram surpresos ao tomarem conhecimento da elitização do futebol no início do século XX e da exclusão dos negros e mestiços de o praticarem. Através de um vídeo que contava a história de jogadores mestiços que disfarçavam suas características negras para serem aceitos em partidas oficiais iniciei as discussões sobre as teorias da supremacia branca e mestiçagem no Brasil.

Na terceira aula, que teve a duração de 1 hora, apresentei através de um vídeo a história do Clube de Regatas Vasco da Gama, que segundo Rodrigues Filho (1964), foi primeiro time brasileiro a escalar jogadores negros em partidas oficiais.

Nesta mesma aula citei outros exemplos de times e ligas de futebol que passaram a aceitar a presença de negros e mestiços no esporte.

Na quarta e última aula teórica sobre o tema utilizei de fotos e vídeos para contar as conquistas de jogadores negros no esporte a partir de 1930, citando as marcas e gestos históricos destes jogadores que defendiam a igualdade racial através da luta contra o racismo.

No fechamento desta aula discutimos sobre a presença do racismo nos dias de hoje através de agressões verbais. Os alunos citaram exemplos de casos recentes, sobre esse tipo de discriminação, que apareceram na mídia.

Ao final das aulas teóricas iniciamos a organização de um torneio esportivo

em homenagem a história do negro no futebol brasileiro. Os alunos decidiram que o nome do torneio seria “camisas negras”, nome que foi dado à equipe do Clube de Regatas Vasco da Gama no ano 1923 quando o time decidiu escalar pela primeira vez jogadores negros e mestiços no campeonato estadual e se consagrou campeão.

Duas salas do 2º ano do 3º ciclo foram convidadas para participar do evento que aconteceu na última semana de novembro. Através de um sorteio foi definido a sequência dos jogos.

Durante as partidas do torneio “Camisas Negras” percebi que os alunos tiveram maior respeito em relação às diferenças raciais e passaram a ter uma visão positiva da identidade negra, pois vários alunos passaram a comemorar as vitórias e gol(s) com gestos que caracterizavam a resistência negra e o orgulho de pertencer a essa raça.

7.1- Cronograma

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DO PLANO DE AÇÃO			
Atividade proposta	Conteúdo trabalhado	Período	Local / recursos
Aplicação do questionário para conhecer o público alvo da pesquisa e diagnosticar seus conhecimentos referentes à temática racial.	Classificação racial e relações étnico-raciais nas práticas esportivas.	8 de novembro de 2011.	Sala de aula.
-Aula teórica sobre história do futebol, racismo no esporte e a presença do negro no futebol brasileiro.	História do futebol. Racismo e preconceito presente no esporte. As lutas e conquistas dos negros no futebol brasileiro.	10, 15 e 17 de novembro de 2011.	Sala de aula. Fotos reportagens e filmes através do projetor de imagens.
Organização do Torneio de futebol	Valorizar as conquistas dos	22 de novembro de 2011.	Sala de aula

<p>“camisas negras” em homenagem aos atletas negros do futebol brasileiro.</p>	<p>jogadores negros que lutaram contra o racismo no esporte.</p>		
<p>Torneio “Camisas Negras”</p>	<p>Vivenciar o jogo de futebol promovendo o respeito a diversidade racial.</p>	<p>24,25 e 29 de novembro de 2011.</p>	<p>Quadra de esportes.</p>

8. AVALIAÇÃO

O projeto foi avaliado pelo professor através de observação e relato das participações dos alunos nos debates em sala de aula e no trabalho prático que consistiu na organização de um torneio esportivo de futebol que teve como objetivo homenagear os atletas negros e proporcionar a prática do esporte respeitando as diferenças.

Acredito que o projeto alcançou o seu objetivo, pois tivemos grande participação da turma tanto nas aulas teóricas quanto na prática. Todos os alunos, meninos e meninas, ajudaram na organização do torneio esportivo executando as funções de: árbitro, mesário, torcedor e jogador.

Durante a prática foi possível constatar que os alunos passaram a ter orgulho dos atletas representantes da raça negra, tanto que imitavam seus gestos e posturas durante o jogo. É importante destacar também que os alunos, jogadores e torcedores, conseguiram respeitar as diferenças, mesmo estando envolvidos na competição.

A pedido dos alunos, e pela relevância que o projeto teve pretendo continua-lo nos próximos anos, podendo até adapta-lo a outros conteúdos da educação física. É importante que ações educativas como estas estejam sempre presentes no cotidiano escolar.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou aos alunos o conhecimento da história do negro no futebol brasileiro, proporcionando momentos de reflexão sobre as relações étnico-raciais presentes em nossa sociedade.

Concordamos com Souza Júnior e Darido (2010) ao citar que a o estudo da elitização do futebol moderno e consequente exclusão de certos grupos raciais são temas relevantes para serem tratados nas aulas de educação física quando se busca discutir sobre preconceito, discriminação e desigualdade.

O projeto partiu do princípio que saber identificar situações de preconceito racial é essencial para promover o seu combate. No início do projeto percebi que alguns alunos não tinham a noção de que xingamentos e apelidos relacionados à raça eram práticas racistas e nem mesmo sabiam que isto é crime.

Acredito que os alunos, negros ou não, passaram a ter uma postura de combate ao racismo e desenvolveram uma percepção positiva do negro quando se depararam com as histórias de superação e glórias alcançadas por atletas negros no futebol brasileiro.

O projeto se encerrou com a organização de um torneio de futebol, que homenageava os atletas negros, onde o objetivo principal era participar respeitando as diferenças raciais. Neste evento percebi que os alunos passaram a valorizar identidade negra ao fazer referência aos atletas negros do passado ou imitar seus gestos.

É função de todas as disciplinas escolares proporcionarem a reflexão crítica sobre o racismo no Brasil, contribuindo para valorização do negro na sociedade. O projeto mostrou que a Educação Física pode ter um papel importante nesta tarefa, ajudando assim que a lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 seja cumprida.

Acredito que a escola deve proporcionar tempos e espaços para que as disciplinas escolares desenvolvam trabalhos interdisciplinares com a temática racial além de apoiar o seu desenvolvimento nos conteúdos de cada área.

10. REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. O. L.. O CORPO NEGRO E OS PRECONCEITOS IMPREGNADOS NA CULTURA: UMA ANÁLISE DOS ESTEREÓTIPOS RACIAIS PRESENTES NA SOCIEDADE BRASILEIRA A PARTIR DO FUTEBOL. In: XVI CONBRACE/ III CONICE, 2009, Salvador. Anais: XVI CONBRACE/ III CONICE, 2009.

A História do Negro no Brasil: Futebol Brasileiro. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4JDgcG2FiGQ>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003** “Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, “**Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**” CNE/CP. Diário Oficial da União. Brasil, junho 2004.

CUSTÓDIO, Adolfo Martins; GONÇALVES, Guillermo de Ávila. **A bola nos pés: um instrumento para a construção da identidade social e para a afirmação e inclusão do negro no Brasil.** Disponível em: <http://profguillermo.50webs.com/Arquivos/artigos/cientificos/A_bola_nos_pes.pdf> acesso em: 19 jun. 2012.

DAOLIO, J. Cultura: Educação Física e Futebol. 2.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

DIMAS, Antônio. O turbulento e fecundo Sílvio Romero. In: André Botelho; Lilia M. Schwarcz. (Org.). Um enigma chamado Brasil. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, v. , p. 74-89.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

Cap. VI A dinâmica dos grupos desportivos – uma referência especial ao futebol.

Especial sobre o jogador Friedenreich (TV cultura). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NYFa5ObaY3c&feature=related>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association. *Regras do Jogo 2006*. Zurich, Suíça: FIFA, 2006.

GOMES, Nilma Lino; MUNANGA, Kabengele. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global, 2004.

GUIMARÃES, S.A. **COMBATENDO O RACISMO: Brasil, África do Sul e Estados Unidos**. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 14 N° 39.

LEÔNIDAS: da bicicleta à Copa do Mundo de 1950 (Globo Repórter, 1979). Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6bLSdrwMmMg>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

NOGUEIRA, Oracy. (1985 [1954]), "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem — sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil", in O. Nogueira (org.), *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*, São Paulo, T.A. Queiroz.

PAIXÃO, Marcelo. Desigualdade nas Questões Racial e Social. In: BRANDÃO, Ana Paula. Saberes e fazeres – modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, vol. 01, 2006, (A cor da cultura). Páginas 21-35.

Pelé- Gols incríveis. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=74uLoZK3tB4>. Acesso em: 15 nov. 2011

RISÉRIO, A. Futebol: barroco-mestiço. Assessoria de Comunicação Social do Ministério da Cultura. Disponível em: < www.cultura.gov.br/noticias/artigos. 2003>. Acesso em: 19 jun. 2012.

RODRIGUES FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. A linguagem racista no futebol brasileiro. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 394-406.

SILVA, C. A. F; VOTRE, S. J. Futebol, linguagem e mídia: as metáforas da discriminação no futebol brasileiro. In: *Anais do 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*. Lisboa: Gráfica 2000, 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves E. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In Educação (Brasil). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007, ano XXX, n.3(63), p. 489-506.

SOUZA JUNIOR, O. DE; DARIDO, S. C.. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. Motriz: Revista de Educação Física (Online), v. 16, p. 920-930, 2010.

TELLES, Edward. Da Supremacia Branca a Democracia racial. In. : Racismo à brasileira: Uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume-dumará: Fundação Ford, p. 41 -67, 2003.

TONINI, D. M. O negro no futebol brasileiro e o racismo existente. Disponível em: <www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquivancada/artigo/45 2009>. Acesso em: 15 jun. 2012.

11. APÊNDICES

Questionário ao aluno

1-Idade:

2-série/ciclo:

3 Bairro:

4-sexo: () Masculino () Feminino

5-Classificação cor e étnico- racial:

() Amarelo () Branco () Pardo () Preto () Indígena () Não sabe

6-Pratica esportes? () sim () não

Se sim, qual ou quais?

Onde e com que regularidade?

7- Que importância tem o esporte para você?

7- Assiste jogos esportivos na televisão? ()sim () não

Se sim, quais jogos você mais assiste/

8- Você acha que existe racismo no esporte? () sim () não

Explique:

9- Você já foi vítima de racismo? () sim () não

10- se você marcou sim na pergunta anterior especifique onde e como foi.^

11- você gosta das aulas de Educação física?

12 - se sim, do que você mais gosta?